

# O ESTUDANTE DE ENGENHARIA E O ESTÁGIO (fome de estágio )

Marcos Jorge Santana<sup>1</sup>  
Jorge Fortes Filho<sup>2</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Com vistas a otimizar o desempenho profissional, a partir de aplicação na prática de domínios teóricos obtidos em atividades acadêmicas, o estágio se constitui em uma experiência indispensável na formação do futuro profissional de Engenharia. A atividade de estágio obrigatório é normatizada pela lei n.º 6.494/77, que foi alterada pela lei n.º 8.859/94, regulamentada pelo decreto n.º 87.497/82 (UCSAL, 1999).

A Escola compromete-se em estabelecer condições facilitadoras para que o estudante possa, não só ver na prática os conhecimentos teóricos, como desenvolver o seu potencial criativo e empreendedor. Parcerias com Institutos, Empresas, Sindicatos, entre outros, são providenciadas, assumindo compromissos e definindo as condições orientadoras do estágio, tanto por parte da empresa como por parte da Escola.

Entende-se a formação profissional em Engenharia como um passo na construção de pensadores que podem melhorar e impulsionar o desenvolvimento tecnológico e o estágio como um espaço não só para exercitar na prática as teorias adquiridas nos componentes curriculares, mas também como local e momento para o questionamento e incitação à dúvida que pode resultar em pesquisa (SANTANA, 2001).

O objeto de estudo deste trabalho é a percepção de estudantes de Engenharia da cidade do Salvador - BA sobre a importância do estágio como experiência para a sua formação profissional, fundamentado na coleta e análise de opiniões dos estagiários a respeito de diversas questões na relação estudante, universidade e estágio.

Essa pesquisa está em andamento, e apresentam-se, neste momento, as avaliações preliminares dos trabalhos desenvolvidos no primeiro semestre que, apesar de serem resultados iniciais, são interessantes, pois já indicam que o estágio profissional, como é desenvolvido atualmente, no universo pesquisado, merece um estudo que proponha mudanças no estado atual da utilização do estagiário como elemento importante na formação profissional de engenharia civil.

## 2. METODOLOGIA

Este trabalho está estruturado com base no resultado de entrevistas com estudantes de engenharia em atividades práticas em canteiros de obras, escritórios e órgãos públicos. Essas entrevistas foram efetuadas por alunos<sup>3</sup> da disciplina Estágio I, da Escola de Engenharia da UCSAL, que seguiram um questionário multifacetado, com 21 perguntas.

As perguntas foram reunidas em três dimensões básicas para análise, cada uma com objetivos específicos. As primeiras perguntas buscam a identificação do entrevistado; na segunda dimensão visa-se a qualificar o ambiente de trabalho e tarefas desenvolvidas. Por fim, avalia-se o grau de satisfação do estudante com o papel desempenhado e a remuneração recebida.

Os estudantes foram devidamente treinados, estabelecendo-se alguns procedimentos comuns a serem seguidos por todos os entrevistadores.

---

<sup>1</sup> Professor, Doutor, da Escola de Engenharia da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

<sup>2</sup> Professor, Mestre, da Escola de Engenharia da Universidade Católica do Salvador – UCSal.

<sup>3</sup> Os autores agradecem aos alunos das turmas A e B da disciplina ESTÁGIO I, que realizaram as entrevistas, motivados pelo desejo de conhecer o estagiário.

As perguntas eram abertas, sem nenhuma pontuação a ser atribuída pelo entrevistado ao assunto perguntado; as únicas perguntas que exigiam respostas numéricas, necessariamente, foram aquelas referentes ao salário recebido e às horas trabalhadas por período.

O universo sugerido foi de um total de 400 estagiários, aproximadamente, levando-se em consideração o total de estudantes em condições de praticarem estágios nas três universidades que oferecem cursos de Engenharia Civil em Salvador.

### 3. RESULTADOS

Por enquanto, estão sendo descritas apenas as principais informações obtidas na pesquisa. Vale ressaltar que o universo pesquisado, até então, se limitou, predominantemente, a alunos da UCSal. Das cerca de 40 entrevistas realizadas, apenas três são da UFBA e uma da UNIFACS.

A grande maioria dos estagiários trabalha 4 horas por dia, perfazendo 20 horas semanais, sendo que as empresas pedem, normalmente, que o período de trabalho diário seja realizado em um turno, geralmente no horário comercial; são poucos os que trabalham mais de 6h por dia. São raros os casos em que o estagiário tem liberdade de propor seu horário de trabalho.

Quanto à remuneração, a maioria recebe um salário em torno do mínimo por mês para um período semanal de trabalho de 20h. As vantagens são predominantemente vale-transporte e tíquete-refeição ou possibilidade de almoçar no restaurante da obra.

Constataram-se muitas reclamações a respeito do valor da remuneração recebida. Os que comentaram o assunto colocaram a culpa nas empresas, por explorarem sua mão-de-obra, ou na Universidade, por não oferecerem horários mais flexíveis.

A maioria dos estágios acontece em obras de construção civil. Cabe registrar que muitos dos que estagiam em escritórios expressaram o desejo de, também, trabalhar em obras. As tarefas em obra, em geral, são de conferência, fiscalização e medição. Já nos escritórios, fazem desenho com Auto-Cad, verificações de especificações e de quantitativos para orçamentos. As tarefas dos estagiários são atribuídas por engenheiros, mas encontraram-se algumas situações em que a atribuição era efetuada pelo mestre da obra ou por um encarregado, e um único caso em que o estagiário informou que ele mesmo é que se atribuía as tarefas a serem realizadas.

Os estagiários que estão em obras dificilmente consultam livros, especificações, ou qualquer outra publicação para dirimir dúvidas; o mestre de obra e/ou funcionários são os mais procurados. Os estagiários em escritórios consultam predominantemente o livro TCPO (Tabela de Composição de Preços Para Orçamentos), da Editora PINI.

As respostas mais frequentes sobre a razão do estágio foram: desejo de conhecer a prática da Engenharia, de ter uma oportunidade de aplicar os conhecimentos teóricos aprendidos na universidade e, por último, para poder ter uma remuneração.

É interessante observar que, apesar de várias reclamações quanto à remuneração, a maior parte dos entrevistados considerou que não havia exploração, e uns poucos, que se consideravam explorados, atribuíam compensação ao fato de estarem aprendendo.

Muitos estagiários disseram sentir-se à vontade para fazerem questionamentos e críticas em relação às atividades desenvolvidas no estágio, seja pelo bom relacionamento com os seus superiores hierárquicos, seja porque a empresa faz reuniões periódicas para ouvir a opinião dos trabalhadores.

Quase todos os estagiários disseram não conhecer a lei que regulamenta a atividade de estágio, e as duas principais críticas ao curso de Engenharia, no que diz respeito ao estágio, são a distribuição dos horários das disciplinas, que dificulta obter um estágio, e a falta de acompanhamento do estagiário pela universidade.

#### 4. CONCLUSÃO

Embora estejamos numa fase preliminar da pesquisa, em que o universo pesquisado ainda é limitado para conclusões mais consistentes – além do fato da maioria dos estagiários ainda não estar na segunda metade do curso de Engenharia Civil –, podem ser adiantadas algumas conclusões importantes:

- ✓ as atividades exercidas pela maioria dos estagiários são tarefas que poderiam estar sendo desenvolvidas por técnicos do segundo grau ou até mesmo egressos do ginásio;
- ✓ não se observou, na maior parte dos casos, nem por parte do estagiário, nem por parte dos seus superiores, interesse em aprofundamento dos conhecimentos teóricos do estudante ou um investimento mais objetivo, com vistas a um aproveitamento do futuro profissional;
- ✓ a tese de que o estagiário é uma mão-de-obra barata e de alta rotatividade ou aprendiz, cujas atividades não são condizentes com sua formação, ainda prevalece. O estágio está sendo utilizado como um espaço para obter uma remuneração ou de aprendizado com a prática, sem, contudo, haver uma maior interação com as teorias aprendidas nas disciplinas do curso;
- ✓ dessa primeira fase, preliminar, da pesquisa, os autores constataam, também, que apesar da atual preocupação das empresas de construção civil de buscarem excelência em qualidade, não há investimento no estudante de Engenharia, seu estagiário, para que possa auxiliar a universidade no seu papel de formadora de engenheiros pensadores do exercício de sua futura profissão com vistas a melhorar e impulsionar o desenvolvimento tecnológico.
- ✓ por outro lado, a universidade precisa absorver melhor a fome de estágio que os estudantes evidenciam, por meio de maior flexibilização nos seus currículos, como recomenda a *Lei de Diretrizes e Bases* (BRASIL, 1996), na prática da necessária interação com o mercado para incorporar esse outro espaço de aprendizagem, rico por demais.

#### 5. REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei n. 9394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 21 dez. 1996.

DEMO, P. **Educar pela Pesquisa**. São Paulo. Autores Associados, 1996.

SANTANA, M.J.A. Um Novo Projeto Pedagógico Para o Curso de Engenharia Civil da UCSAL. In: Congresso Brasileiro de Ensino de Engenharia, 7. Porto Alegre, 2001. **Anais...CD-Rom**

UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR. **Ensino de Graduação na UCSal: uma política para organização curricular**. Salvador: UCSAL, 1999, 146p (Cadernos de Graduação, v1, v2).